



FEMINISMOS: DELAS PARA TODES

cartilha produzida por Alicia Santana, Ana Clara Lebrão, Grazielle Reis,
Jucimara Santana e Jussana Vilas Boas



O QUE É FEMINISMO?

Ao longo da história, sabe-se que a situação das mulheres na sociedade em relação aos homens foi hierarquizada em muitos aspectos, tais como o econômico, sexual, político, jurídico, entre outros. Em decorrência disso, a posição das mulheres na sociedade foi, por vezes, subjugada — quando não invisibilizadas — de modo a marginalizá-las. Com isso, tendo em vista a superação da opressão das mulheres e sua liberdade enquanto sujeitos possuidores de direitos, as mulheres, desde o período da Revolução Francesa (1789-1799) já passavam a questionar sua condição de existência e reivindicar pela conquista de seu próprio espaço dentro da sociedade, não como alguém que precisavam de um mediador, mas como seres capazes de pensar, falar e lutar por seus próprios ideais.

Nesse mesmo sentido, Alves e Pitanguy (1985, p. 7, 9-10), descreve:

"É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias. (...)

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades "femininas" e "masculinas" sejam atributos do ser humano em sua globalidade. Que a afetividade, a emoção, a ternura possam aflorar sem constrangimentos nos homens e serem vivenciadas, nas mulheres, como atributos não desvalorizados. Que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relações de poder..."



Sabe-se, portanto, que a história muda de acordo com o desenrolar do tempo e, por isso, as reivindicações feitas pelas mulheres no período da Revolução Francesa não ocorre da mesma maneira que nos dias atuais, uma vez que vivemos em contextos diversos e distintos. Assim, com o intuito de explorar com mais profundidade acerca dessa questão, abordaremos como o feminismo tem se transformado para atender as diferentes demandas das mulheres.

ONDAS DO FEMINISMO:



Imagem da internet

PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO

Surgiu em meados do século XIX, em decorrência de períodos como a Revolução Industrial e a Primeira e Segunda Guerra, e foi composta por mulheres da classe proletária, cuja motivação estava pautada na igualdade, tanto por condições de trabalho quanto por direitos.

No Brasil, a primeira onda do feminismo teve relação direta com o movimento de mulheres operárias anarquistas, bem como pelo movimento que reivindicava pelo direito ao voto das mulheres, que era denominado de sufragetes, liderado por Bertha Lutz.



Bertha Maria Júlia Lutz é conhecida como a maior líder na luta pelos direitos políticos das mulheres brasileiras. Ela se empenhou pela aprovação da legislação que outorgou o direito às mulheres de votar e de serem votadas. Fonte: Agência Senado

Esse momento do feminismo foi associado a um “feminismo bem-comportado” que, pode ser considerado por muitos como conservador, no sentido de reforçarem os estereótipos no que diz respeito a divisão sexual dos papéis de gênero, pois justificavam suas reivindicações justamente em suas atividades no âmbito privado.

SEGUNDA ONDA DO FEMINISMO

Iniciou-se na década de 1960 e, especificamente no Brasil, em 1964, no contexto da ditadura militar. Período este, marcado pela ausência de direitos políticos dos indivíduos em um governo ditatorial.

A segunda onda feminista, nesse sentido, está associada à transferência da igualdade formal – que é insuficiente no que diz respeito à integração de todos, uma vez que não leva em consideração as peculiaridades naturais do indivíduo, bem como dos grupos sociais – para a igualdade material que, em termos práticos, “trata igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na exata medida de suas desigualdades” (NERY JUNIOR, 1999, p. 42).



Imagem da internet

Nesse período, as principais reivindicações se pautavam na igualdade de direitos entre mulheres e homens, e na busca pela liberdade e autonomia de poderem decidir, por si mesmas, o que fariam com suas próprias vidas e corpos. Por isso, questões que antes não haviam sido tratadas de modo público, como a violência sexual e doméstica, foram questionadas e reveladas à sociedade. Como características principais da segunda onda do feminismo, tem-se a luta contra as formas de opressão e subjugação dos homens às mulheres, bem como a resistência à ditadura.

TERCEIRA ONDA DO FEMINISMO



Na terceira onda do feminismo, tem-se como característica principal a compreensão de que, mesmo o movimento se tratando de mulheres que lutam pela igualdade na sociedade, elas mesmas são diferentes entre elas, como no aspecto de classe e raça, por exemplo. Tais elementos diferenciadores geravam certa hierarquização e subordinação entre elas, de modo a impossibilitar a verdadeira solidariedade.

Nesse sentido, passaram a buscar pela valorização das mulheres tanto em relação aos homens, como em relação e elas mesmas e, com isso, entre o fim da década

de 1970 e início da década de 1980, o feminismo interseccional foi desenvolvido, com o propósito de tratar acerca de questões específicas que haviam sido negligenciadas pelo movimento feminista, como no caso do racismo no movimento feminista negro.

FEMINISMO E LUTA DE CLASSES



Imagem da internet

No que diz respeito ao feminismo e a luta de classes, o feminismo marxista, dentro desse contexto, é que aborda acerca de gênero/classe com maior objetividade.

Nesse sentido, o feminismo marxista, da segunda metade do século XX, faz críticas ao sistema capitalista, de modo que a luta de classes deve levar em consideração os papéis exercidos pelos gêneros dentro dessa dinâmica. Pois, caso não houvesse essa luta, conseqüentemente haveria a institucionalização dos benefícios do homem em detrimento da naturalização e exploração das mulheres.

É importante ressaltar que o feminismo

marxista, além da questão do gênero e da classe, privilegia e trata também acerca da violência e exploração doméstica, se contrapondo à ideia de que a divisão do trabalho seria a raiz da discriminação de gênero, de modo que deixar essas questões a segundo plano, não só legitima a exploração, como também desconsidera os privilégios de classes existentes dentro do próprio grupo de mulheres.

FEMINISMO NEGRO

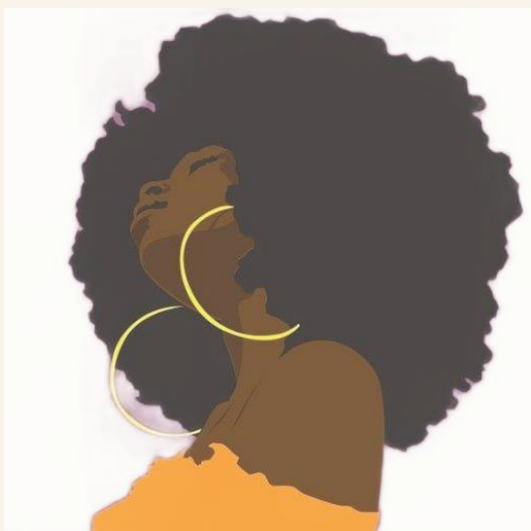


Imagem da internet

No Brasil, o feminismo negro começa a ganhar força nos anos 1980. Segundo Núbia Moreira, "a relação das mulheres negras com o movimento feminista se estabelece a partir do III Encontro Feminista Latino-americano ocorrido em Bertioga em 1985, de onde emerge a organização atual de mulheres negras com expressão coletiva com o intuito de adquirir visibilidade política no campo feminista. A partir daí, surgem os primeiros Coletivos de Mulheres Negras". Essa vertente é pautada na luta de mulheres negras por equanimidade, através da Interseccionalidade de gênero, raça e classe, visibilizando seus corpos e subjetividades, que foram silenciados historicamente na sociedade, sobretudo,

dentro do próprio movimento feminista, anteriormente constituído por mulheres majoritariamente brancas.

"Interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável". (RIBEIRO, 2016, p.101)

Neste sentido, a autora bell hooks chama a atenção para "as contradições que o feminismo representou, especialmente quando encabeçado por mulheres privilegiadas que se autodeclararam proprietárias do movimento, constituindo o que chama de "feminismo de poder" (2018). Segundo hooks, é de suma importância o feminismo negro para o debate político. Pensar como as opressões se combinam e entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se pensar outras possibilidades de existência.

FEMINISMO LÉSBICO



Tornou-se mais influente entre 1970-1980, e é caracterizado pela contestação e revisão sobre a heterossexualidade como instituição. Os textos feministas lésbicos trabalham em prol de desnaturalizar a heterossexualidade e seu enraizamento no patriarcado, ou seja, tentam romper com o conceito de heterossexualidade compulsória.

O Feminismo lésbico, prega a liberdade de direitos das mulheres, sobretudo, sobre seus corpos no âmbito afetivo, proporcionando uma análise mais crítica sobre a origem e o enraizamento do domínio masculino, e sua naturalização dentro da sociedade.

O movimento busca como um ato de resistência, desmistificar a heterossexualidade imposta, sobretudo às mulheres como forma de dominação.

HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA:

"É a exigência para que todos os sujeitos sejam heterossexuais, isto é, a heterossexualidade se apresenta como única forma considerada normal de vivência da sexualidade". Fonte: iBahia Blogs

FEMINISMO LÉSBICO NEGRO



Nessa vertente, o conceito de Interseccionalidade também faz-se presente. A autora Audre Lorde, busca elucidá-lo a partir das identidades: mulher; lésbica; negra, a fim de mostrar como essa pluralidade mexe com a organização padrão da sociedade.

O feminismo lésbico negro, através do intercruzamento de gênero, sexualidade e raça possibilita a reflexão de que essas mulheres enfrentam maiores riscos de vulnerabilidade, por subvertem a ordem vigente da sociedade em mais de uma posição.

TRANSFEMINISMO



Imagem da internet

EmiKoyama (2001) define o transfeminismo como, "primordialmente, um movimento feito por e para mulheres trans que entendem que a sua liberação está intrinsecamente ligada à liberação de todas as mulheres, e além". Segundo a autora, os princípios do feminismo transgênero são simples, apesar das barreiras impostas para a sua aplicabilidade na nossa sociedade binária e patriarcal.

“Cada indivíduo tem o direito de definir suas próprias identidades e esperar que a sociedade as respeite. Isso também inclui o direito de expressar nosso gênero sem medo de discriminação ou violência. Em segundo lugar, temos que ter o direito exclusivo de tomar decisões sobre nossos próprios corpos, e que nenhuma autoridade política, média ou religiosa violará a integridade de nossos corpos contra nossa vontade ou impedir nossas decisões acerca do que fazemos com eles”. (KOYAMA, 2001)

As mulheres transexuais são invisibilizadas em nossa sociedade, não só pelo machismo, mas também pelo sexismo, que lhes nega o direito a feminilidade. A inviabilização ocorre até mesmo dentro do próprio movimento feminista, tendo em vista que algumas feministas, sobretudo da vertente Radical, vão contra o feminismo trans, por acreditarem que as mesmas possuem, ou, em algum momento da vida já usufruíram dos privilégios masculinos, e assim estariam apagando a luta de mulheres cisgênero.

Cisgênero: pessoas que se identificam com o sexo biológico.

As mulheres trans não recebem o mesmo tratamento dado às mulheres cis, muito menos as mesmas oportunidades, sendo expostas a violências de todos os tipos, inclusive institucional, quando lutam por direitos básicos, como adequar legalmente o seu registro civil ao nome e ao gênero com o

qual se identificam e muitas vezes são rechaçadas pelo judiciário, tendo de se submeterem a arriscadas cirurgias de redesignação genital, ainda que não sintam nenhum tipo de disforia, para que somente após tenham a concessão do direito fundamental à identidade.

Disforia de gênero: identificação forte e persistente com o gênero oposto associada a ansiedade, depressão, irritabilidade e muitas vezes a um desejo de viver como um gênero diferente do sexo biológico.

O transfeminismo visa desmistificar esses paradigmas e visibilizar essas mulheres, dando-lhes voz na luta por uma vida mais digna e igualitária.

FEMINISMO COMUNITÁRIO: RESISTÊNCIA LATINO-AMERICANA



Imagem da internet

[...] O feminismo comunitário é um movimento autônomo e genuinamente latino-americano, ou seja, não é uma vertente do feminismo tradicional que surgiu após a Revolução Francesa em 1789, por isso se propõe a pensar as questões referentes às mulheres latino-americanas e se distancia do feminismo ocidental, buscando dar visibilidade às lutas das mulheres que nunca foram oficialmente incluídas nesse movimento feminista. Além disso, muito antes de o movimento feminista ocidental surgir as mulheres dos povos originários já se rebelavam contra as opressões em todo o território de AbyaYala (América Latina). Pois, segundo as feministas comunitárias mesmo antes da colonização o patriarcado já existia e atuava nas nossas comunidades, ou seja, existem duas dimensões do patriarcado: um patriarcado pré-colonial e outro pós-colonial (ocidental).

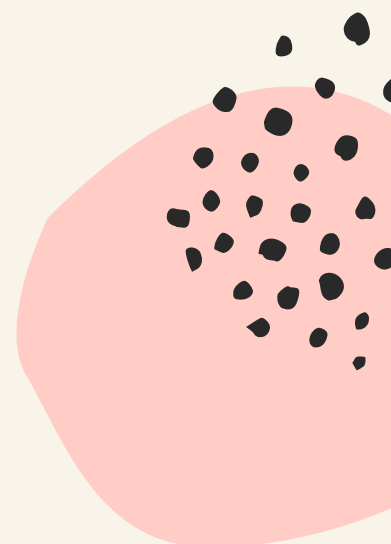
Para o feminismo comunitário o patriarcado é o sistema responsável por todas as opressões e violências que afetam a humanidade e a natureza, mas historicamente esse sistema é construído especificamente sobre os corpos das mulheres. Para Julieta Paredes, ativista boliviana e uma das fundadoras do movimento, "o feminismo comunitário é a luta de qualquer mulher, em qualquer parte do mundo, em qualquer tempo da história, que luta e se rebela contra um patriarcado que a oprime ou pretende oprimir". (PAREDES, p.76,2010).

Assim, o que se pretende é a destruição do patriarcado - em suas diferentes dimensões - e de seu grande aliado que é o neoliberalismo. Pois, sabe-se que a partir da década de 80 a onda neoliberal avançou sobre a América Latina deixando seu rastro

de opressão social, exploração dos recursos naturais e apropriação das causas sociais objetivando a manutenção da sua lógica política/econômica, e, com isso, legitimando o sistema de opressões patriarcais. Dito isso, o feminismo comunitário se apresenta enquanto um movimento despatriarcal, decolonial e antineoliberalismo.

[...]

Contribuição de Raiele Coutinho



INDICAÇÕES

SÉRIE

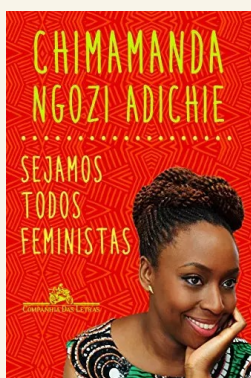


COISA MAIS LINDA

"Na São Paulo do final da década de 50 está Maria Luiza, uma moça conservadora e completamente dependente de dois homens: seu pai, Ademar, e o marido dela, Pedro. Sua vida toma um rumo completamente diferente quando Pedro desaparece ao viajar para o Rio de Janeiro a fim de montar um restaurante. Maria Luiza, é claro, segue os rastros do marido, mas acaba transformando o sofisticado negócio numa casa noturna. Em terras cariocas, a jovem descobre então um novo mundo na companhia de mulheres feministas e liberais e ao som da Bossa Nova".

sinopse retirada do site adorocinema.com

LIVRO



SEJAMOS TODOS FEMINISTAS

"Neste ensaio preciso e revelador, Chimamanda Ngozi Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para mostrar que muito ainda precisa ser feito até que alcancemos a igualdade de gênero. Segundo ela, tal igualdade diz respeito a todos, homens e mulheres, pois será libertadora para todos: meninas poderão assumir

identidade, ignorando a expectativa alheia, mas também os meninos poderão crescer livres, sem ter que se enquadrar em estereótipos de masculinidade. Sejam todos feministas é uma adaptação do discurso feito pela autora no TEDx Euston, que conta com mais de 1,5 milhão de visualizações (<http://tedxtalks.ted.com/video/We-should-all-be-feminists-Chim>) e foi musicado por Beyoncé (<https://www.youtube.com/watch?v=IyuUWOnS9BY>").

sinopse retirada do site amazon.com

FILME



EU NÃO SOU UM HOMEM FÁCIL

"Traduzido do inglês-I Am Not a Easy Man é uma comédia romântica francesa de 2018 dirigida por Éléonore Pourriat. O filme é estrelado por Vincent Elbaz como um chauvinista que acaba em um universo paralelo onde papéis estereotipados de gênero são revertidos. O filme foi lançado mundialmente em 13 de abril de 2018, pela Netflix".

sinopse retirada do site wikipédia

QUEM SOMOS?

Olá, somos estudantes do 5º semestre do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e esta cartilha é fruto do trabalho de conclusão das disciplinas "Relações Sociais de Gênero" - ministrada pela Profa. Dra. Núbia Regina Moreira - e "Metodologia e Prática do Ensino de Ciências Sociais I", - ministrada pelo Prof. Me. José Miranda Oliveira Júnior - sendo esta produzida sob orientação dos respectivos professores.



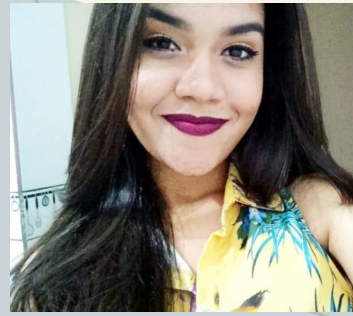
ALÍCIA SANTANA

Oi, sou Alícia, tenho 23 anos e sou graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Creio que estudar sobre os movimentos feministas é entender que a luta das mulheres do passado ainda continua sendo a nossa luta. Uma luta por equiparidade entre homens e mulheres e por nossa emancipação perante a sociedade.



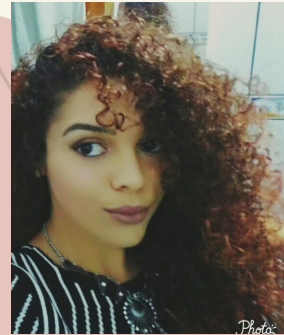
GRAZIELE REIS

'Me chamo Grazielle Reis, sou graduanda do curso de Ciências Sociais (5º semestre), pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Acho de extrema importância o estudo do Feminismo como movimento social e político, para podermos construir uma sociedade mais igualitária, respeitando às pluralidades.



ANA CLARA LEBRÃO

Sou Ana Clara Lebrão, estudante do curso de Ciências Sociais (5º semestre), pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Acredito que estudar o Feminismo se torna relevante à medida em que nos mostra a nossa importância enquanto mulheres, e a nossa capacidade de incitar a transformação, de dentro para fora.



JUCIMARA SANTANA

Olá, me chamo Jucimara Macedo Santana, sou graduanda do curso de Ciências Sociais, (V semestre) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. A minha motivação em estudar e difundir o Feminismo é acreditar que através desse eu possa dar voz para a mulher invisibilizada, possibilitar a estas a emancipação tanto social como política.



JUSSANA VILAS BOAS

Me chamo Jussana Vilas Boas, sou graduanda em Ciências Sociais (V Semestre) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. De início, acho importante percebermos que há diferentes tipos de FeminismoS, para assim, entendermos que cada movimento feminista possui singularidades que incluem as diferentes mulheres que existem e resistem diariamente. Nesse sentido, foi de suma importância construir esse trabalho e abordar alguns dos movimentos feministas existentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BÁSICAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade / Carla Akotirene. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo? São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1991.

FRANCO, Luciele. TODO MUNDO PODE ESCOLHER O FEMINISMO: O CONVITE DE BELL HOOKS. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Florianópolis, v. 17, p. 01-07, Jan-Dez, 2020.

JESUS, Jaqueline; ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. (UnB/DF – UNINOVE/SP, s.a).

NERY JUNIOR, Nelson. Princípios do processo civil na constituição federal. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1999.

AREDES, Juliana. Hilando Fino Desde el Feminismo Comunitario. 2008-2010. Disponível em: <<https://sjlatinoamerica.files.wordpress.com/2013/06/paredes-julieta-hilando-fino--desde-el-feminismo-comunitario.pdf>>

RIBEIRO, Djamila. FEMINISMO NEGRO PARA UM NOVO MARCO CIVILIZATÓRIO. SUR 24 - v.13 n.24 . 99 – 104, 2016.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. Rio Grande do Norte: Revista Bagoas, 2010.

SANTOS, Ana; LUZ, Robenilton. LÉSBICAS MULHERES NEGRAS: CRISE DE REPRESENTAÇÃO A PARTIR DAS SUAS MÚLTIPLAS IDENTIDADES. Fortaleza-CE, 2013.

SWAIN, Tânia. Desfazendo o "natural": a heterossexualidade compulsória e o continuum lesbiano. Rio Grande do Norte.:Revista Bagoas, 2010.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CISGÊNERO e Transgênero. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sexualidade/cisgenero-transgenero.htm>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

DISFORIA de gênero e transexualismo. **Manual MSD**.

Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt/profissional/transtornos-psi%C3%A1tricos/sexualidade-disforia-de-g%C3%AAnero-e-parafilias/disforia-de-g%C3%AAnero-e-transexualismo#:~:text=Disforia%20de%20g%C3%AAnero%20caracteriza%2Dse,diferente%20do%20sexo%20do%20nascimento.>>>.

Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

LESBIANISMO político – definições e aplicações. **QG Feminista – Feminismo em revista**. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/lesbianismo-pol%C3%ADtico-defini%C3%A7%C3%B5es-e-aplica%C3%A7%C3%B5es-ba2c39bbaf9d>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

QUAL a diferença entre homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade?. **iBahiaBlogs**. Disponível em: <<https://blogs.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2013/03/18/qual-a-diferenca-entre-homofobia-heterossexualidade-compulsoria-e-heteronormatividade/>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2020.